

MULHERES QUE MUDAM A HISTÓRIA

Mulheres Homenageadas – Apresentações

BLOCO 1

A produção do conhecimento é indispensável para o desenvolvimento de uma sociedade, especialmente quando a descoberta científica é comprometida com o desenvolvimento econômico e social da comunidade.

Sabe quando criança, que a gente buscava misturar elementos químicos e produzir inventos mágicos?

Ser cientista é experienciar a magia da descoberta. É portar a capacidade de tornar a curiosidade uma chave para o conhecimento, para o desenvolvimento humano.

No Brasil, conhecimento deveria ter dimensão de sabor, como ensina Rubens Alves. Pesquisar, produzir saberes, aprender o novo deveriam propiciar saborosas descobertas. No entanto, aqui, em terras tupiniquins (mas, no geral, em muitos lugares do mundo), o saber tem dimensão de poder. Quanto mais títulos acadêmicos possui uma pessoa, mais parece empoderada.

Por tudo isso, o campo das ciências, por ser espaço de produção do saber, tornou-se um espaço apropriado por aqueles que se julgam donos do poder. Aqui, e em tantos lugares do mundo, o masculino se faz presente nos espaços de elaboração científica, exigindo muitos esforços de mulheres para superar esta realidade.

Foi apenas no ano de 1927, durante a 5ª Conferência Internacional de Solvay, em Bruxelas, que as câmeras fotográficas captaram as imagens de uma mulher participante de uma reunião científica. De 29 cientistas, Marie Curie foi a única

mulher presente. Ganhadora de dois Prêmios Nobel, sua presença marcou a transição de uma era.

No Estado de São Paulo, a produção científica é marcada pela presença de importantes pesquisadoras.

ANA ESTELA HADDAD

Costuma dizer por aí que “atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”. No caso da nossa homenageada, é certo que seu marido é um grande homem. No entanto, ela jamais esteve atrás dele, sombreada.

Dona de uma carreira acadêmica de grande êxito, tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de professora titular do Departamento de Ortodontia e Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. Antes, obteve relevantes títulos acadêmicos, tornando-se especialista em 1992, mestre em 1997, doutora em 2001 e livre-docente em 2011, todos na área de ciências odontológicas.

Sua trajetória acadêmica é acompanhada por uma atuação na gestão pública, tendo ocupado cargos no Ministério da Educação e no Ministério da Saúde, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas essenciais para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro. Nestas tarefas, sempre agiu com incrível sensibilidade e responsabilidade.

Certa feita, chegou às suas mãos uma carta dirigida ao então Presidente Lula. Havia um relato de uma mãe pobre que precisava pagar as parcelas do financiamento estudantil que garantiu que o seu filho pudesse concluir o curso de engenharia. Seis meses após a conclusão da graduação, o jovem faleceu, deixando para a mãe a responsabilidade por custear uma custosa dívida, fazendo-a reviver mês a mês a dor dilacerante pela perda do filho amado.

Somadas a leitura de outras dezenas de cartas de jovens pobres e inadimplentes do Fies, todas elas relatos de histórias reais de resistência e dignidade, veio a inspiração para criação de um programa de bolsas que atendesse a população de baixa renda, fazendo nascer o PROUNI.

Fiel defensora do SUS, atualmente nossa homenageada ocupa a função de Secretária Nacional de Informação e Saúde Digital do Ministério da Saúde. A atuação determinada de **Ana Estela Haddad** tem representado um avanço à

política pública de saúde, especialmente para as populações mais vulneráveis e mais remotas do nosso país.

DORA COLARICCIO

Graduada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas, UNESP, Botucatu em 1975, com Mestrado em Botânica, em 1987 e de Doutorado em Ciências, em 1997 na Universidade de São Paulo – USP, **Dora Colariccio** dedica-se à produção acadêmica, desenvolvendo estudos e orientando pesquisas, sendo titular de um robusto currículo. Desde 1988, é pesquisadora científica no Laboratório de Fitovirologia e Fisiopatologia do Instituto Biológico.

Além de sua produção acadêmica, **Dora** possui uma atuação política relevante, em defesa da pesquisa científica no Estado de São Paulo. Desde 2006, integra a diretoria da Associação dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo (APqC).

Nesta Casa Legislativa, **Dora** tem tido atuação destacada, contribuindo significativamente com a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas e dos Institutos de Pesquisa.

Dora Colariccio não é a rainha do frevo ou do maracatu, como cantava Dorival Caymmi, mas podemos considerá-la a musa da pesquisa científica no Estado de São Paulo. Por tua trajetória no campo das ciências, recebe nossa justa homenagem!

LIEGI LÉGI BARIANI BERNUCCI

A secular Escola Politécnica da Universidade de São Paulo é referência internacional na formação de engenheiros. De seus bancos e das suas pesquisas, a POLI promoveu a formação de grandes referências da engenharia, além de quadros que se tornaram lideranças políticas nacionais, bem como importantes gestores do poder público e da iniciativa privada.

Destes bancos universitários, nossa homenageada era uma das poucas alunas. De professora mesmo, somente uma. E foi neste universo predominantemente masculino que a paixão pela engenharia fez-se fortemente presente.

Desde que ingressou na Poli no ano de 1977, a Professora **Liegi Légi** despontou com uma importante profissional da engenharia, dedicando-se com verdadeiro afinco à pesquisa, à ciência e à docência. Por influência de um professor suíço, mesclou a engenharia com sensibilidade política, passando a produzir pesquisas socialmente comprometidas.

Tendo concluído seu mestrado em 1987 e o doutorado em 1995, tornou-se Livre Docente em 2001. No ano de 2006, tornou-se professora titular da Escola Politécnica da USP. Em 2014, assumiu a função de vice-diretora da Poli.

Com toda formação, já referência no campo da engenharia civil, tornou-se a primeira mulher a dirigir a instituição.

Foi preciso mais de um século de história para que a grande escola de engenharia paulista elegeesse uma mulher para a sua direção. Em 8 de março de 2018, a Prof^a. Liedi Légi assumiu a direção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Em 2022, assumiu a função de Diretora-presidente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

Após a exitosa passagem pela diretoria da Escola Politécnica, **Liegi Légi** foi eleita Vice-Reitora da Universidade de São Paulo, uma das maiores instituições universitárias do mundo!

MAYANA ZATZ

A importância da pesquisa científica está associada à sua capacidade de promover descobertas capazes de impactar a vida, nas suas mais variáveis formas, trazendo contribuições para seu aperfeiçoamento.

Do todo universo científico, todo ele singular e relevante, destacam-se os estudos em torno da genética. Destrinchar o genoma humano, permitido, após profundas pesquisas, por exemplo, o avanço em torno do tratamento de diferentes doenças, revolucionando a medicina e a vida de muita gente, é feito de grande relevância, digno de toda homenagem.

Quem de nós não se lembra da esperança trazida pelas descobertas em torno das células-tronco embrionárias?

Nas mãos de uma bióloga molecular e geneticista está parte das importantes contribuições para campo de doenças neuromusculares, tais como distrofias musculares e esclerose lateral amiotrófica. Trata-se de **Mayana Zatz**, uma grande pesquisadora que, nascida em Israel, fez do Brasil sua pátria, tendo produzido grandes avanços científicos, reconhecidos internacionalmente.

professora do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, concluiu o mestrado em 1970, o doutorado em 1974, dando prosseguimento aos estudos de pós-doutoramento nos anos de 1975 a 1977. Entre os anos de 2005 a 2009, exerceu o cargo de pró-reitora de pesquisa da Universidade de São Paulo.

Em 1981, fundou a Associação Brasileira de Distrofia Muscular, que se dedica ao estudo de doenças neuromusculares. Ao longo de sua carreira, a Professora **Mayana Zatz** já atendeu milhares de pessoas afetadas por doenças genéticas.

É grande defensora do uso das células-tronco embrionárias no âmbito da medicina, apontando, com rigor ético, limites que devem ser observados nestas pesquisas.

Ainda, por meio de centenas de publicações científicas e artigos publicados em revistas e jornais, busca simplificar a linguagem científica, aproximando pesquisas e a população. Desta forma, contribui para a entendimento das ciências, além de estimular a formação de novos cientistas.

Ao longo de sua trajetória, recebeu diversos prêmios. Nas pessoas beneficiadas por seus estudos, que são milhares, tem-se reconhecimento de uma vida louvável, digna de todas as homenagens!

REGINA CHUEIRE

Certa feita, ouvi de uma grande atriz brasileira que a profissão do ator e de médicos os aproximavam de Deus. Atores, por dar vida a outras pessoas, seus personagens; médicos, por salvar vidas de seus pacientes.

Nascida em São Bernardo Campo, uma menina sonhava em ser bailarina e se encantava com a magia dos circos. Tão logo uma lona se estendia sob o picadeiro, a pequena garotinha corria para fazer amizade com as crianças circenses, desejando um dia sair pelo país apresentando sua arte.

Um episódio, no entanto, trouxe a crueza da realidade para bem perto desta menina. Aos nove anos, a pequena **Regina** perdeu seu pai, o médico José Fornari, vítima de mal súbito.

A família seguiu sua trajetória e a pequena **Regina** abandonou o sonho de correr mundo com os circos, passando a dedicar-se ao estudo da Medicina – isso depois de ter tentando se enveredar pelos caminhos do Direito.

Após a formação em Medicina, que ocorreu ao tempo que se engajava no movimento estudantil, dedicou seus primeiros anos ao estudo da fisioterapia. Coursou duas especializações, uma em Fisioterapia e outra em Medicina Esportiva. Desde então, realizou sua Residência Médica pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (1984) e Mestrado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (2003).

Seguiu na docência, sendo Professora Adjunta da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP), onde também atua como Coordenadora do Programa de Residência Médica em Medicina Física e Reabilitação.

Em 2011, participou da instalação do Instituto de Reabilitação Lucy Montoro em São José do Rio Preto, tornando-se diretora da unidade.

A nossa homenageada ainda se enveredou pela política, tendo sido eleita vereadora em São José do Rio Preto no ano 2000.

De pretensa bailarina à médica competente, **Regina Chueire** uniu a arte e a medicina, tornando-se uma mulher de grande valor!

BLOCO 2

ADRIANA REGINA DOS SANTOS, FERNANDA GARCIA DOS SANTOS E MARIA CRISTINA QUIRINO

De um lado, três mulheres negras. Todas das periferias de São Paulo. Duas mães e uma irmã.

De outro lado, três jovens que gostavam de funk, música tocada nas quebradas da grande cidade.

Cinco vidas entrecortadas pela ação violenta do Estado.

Na noite de 1º de dezembro de 2019, cerca de trinta policiais militares orquestraram uma operação para reprimir um baile funk na Comunidade de Paraisópolis. Marcada por intensa violência, o resultado foi a execução de nove jovens, dentre eles Dennys Guilherme dos Santos Franca e Denys Henrique Quirino da Silva, ambos com 16 anos de idade.

Deste episódio, que ficou conhecido como Massacre de Paraisópolis, forjadas da dor provocada por agentes da Polícia Militar do Estado de São paulo, nasceram três mulheres de luta, que passaram a empreender esforços por Justiça e reparação. Mais que isso, passaram a entrelaçar a luta contra a violência do Estado com a luta por superação do racismo estrutural e defesa das culturas periféricas.

Adriana Regina dos Santos, Fernanda Garcia dos Santos e Maria Cristina Quirino são três mulheres que não se resignaram no luto, passando a entender a necessidade da perseguir suas vidas dedicando-as a causas coletivas. Da dor, fez-se luta!

Desde 2019 lutam incansavelmente por Justiça. Enfrentam com coragem os policiais que mataram seus filhos e irmão, num processo judicial que ainda tardará a ser concluído.

São mães e irmã que tornam a luta ato de coragem. Que fazem da coragem caminho para a Justiça. Que buscam a Justiça como sentido para dignificação das vidas de jovens negros, das quebradas das cidades.

Por suas lutas, podemos brandar: Dennys Guilherme dos Santos Franca e Denys Henrique Quirino da Silva presentes!

AMELINHA TELES

Ter a coragem de enfrentar uma ditadura, dando-se de corpo e alma para a luta em favor dos direitos humanos e da democracia, torna o sujeito imprescindível para as lutas sociais. Transforma-o em verdadeiro herói de um povo.

Assim começa a história de uma heroína do povo brasileiro: **Amelinha Teles**.

Desde 1960, inspirada por seu pai, que também inspirou sua irmã Crimeia, **Amelinha** iniciou ainda muito jovem sua militância política, ligada às causas dos trabalhadores. Com o golpe civil-militar de 1964, passou a enfrentar o estado de exceção e suas armas com coragem.

Preso em 1964, ao lado da sua irmã, vivenciou a força do arbítrio do Estado ditatorial. Solta, seguiu na luta contra a ditadura até a nova prisão, em 1972, desta vez sendo levada à Operação Bandeirantes. Lá, vivenciou o que a bestialidade humana é capaz de fazer, sentindo na própria carne a covardia de homens brutos, sob a liderança do Cel. Brilhante Ustra!

Amelinha foi submetida a torturas e outras práticas degradantes. Foi torturada ao lado do seu marido. Presenciou a morte de companheiros, barbaramente torturados. Enfrentou com coragem seus algozes, que não mediram esforços em descer aos esgotos da humanidade quando levaram seus filhos ainda crianças, de 4 e 5 anos, Edson e Janaína, para assistirem as sessões de tortura.

Amelinha venceu as torturas, somou forças para derrotar a ditadura e se tornou protagonista da reconstrução democrática brasileira. Foi atuante do processo constituinte, legando ao povo brasileiro a Constituição Cidadã.

Na democracia, tornou-se umas das principais referências do movimento feminista brasileiro, contribuindo para a formação militante de muitas mulheres, por meio do Projeto Promotoras Legais Populares, que dá formação legal para mulheres e as ensina a valorizar o direito, ampliá-lo e aprender o caminho de acesso à justiça.

Em 2005, **Amelinha** e sua família moveu uma ação declaratória contra Carlos Alberto Brilhante Ustra. Após o trâmite judicial, o coronel foi o primeiro agente da ditadura a ser declarado torturador. Ou seja, por ação da Família Almeida Teles, o Estado brasileiro reconheceu e declarou o facínora da Operação Bandeirantes como Torturador, deixando o registro nos livros de história do Brasi que aqui se praticou torturas, que uma mulher e sua família derrotaram a ditadura!

ASSUCENA

Das barrancas do Rio Gavião, cantadas por Elomar, dos cafundós do Sertão da Ressaca, narrados por Guimarães Rosa, lá do interior da Bahia, das terras do planalto de Vitória da Conquista, de onde vieram talentos como Glauber Rocha, Elomar Figueira e Dimitri Sales (no caso eu), veio também uma grande mulher.

Potente e capaz de se reinventar, desde muito cedo nunca se acomodou no lugar que lhe colocaram. Do corpo à música, constrói-se e reconstrói-se a todo instante, sem que o tempo ou o espaço sejam limites. **Assucena** é uma artista que transforma presença em potência e música em expressão profunda de identidade.

Cantora, compositora e atriz, foi forjando seu talento musical ouvindo, desde criança, vozes da Jovem Guarda e de cantoras da MPB, além de ter sido influenciada por cantores regionais. Wanderleia, Gal Costa, Elis Regina e Luiz Gonzaga eram parte do seu repertório de formação artística e cultural.

Em 2011, já residente na capital paulista, **Assucena** conheceu Raquel Virgínia e Rafael Acerbi, ao lado dos quais criou a banda universitária "Preto por Preto", posteriormente chamada "As Bahias e a Cozinha Mineira" (que, pouco mais adiante, passou a ser chamada "As Baías"). Ao lado dos amigos, produziram quatro discos, obras que os levaram a concorrer a duas indicações ao Grammy Latino de Música, estando entre as primeiras pessoas trans indicadas para a premiação.

Foi durante a produção do disco "Mulher", que **Assucena** iniciou seu processo de transição de gênero, assumindo a identidade de mulher transexual. Corpo feito política, por sua descendência judaica marroquina, em 2020 passou a integrar a comissão LGBTQ+ da Federação Israelita do Estado de São Paulo e colaborar com o Instituto Brasil-Israel, objetivando enfrentar preconceitos de gênero no contexto do governo fascista de Jair Bolsonaro.

Em 2021, partiu para carreira solo, produzindo discos autorias de grande sucesso, tais como o álbum solo "Lusco-Fusco".

Além da música, **Assucena** protagonizou vidas no cinema e no teatro, tendo sido indicada ao Prêmio Shell de Teatro de melhor atriz pela atuação como Medeia na peça "Mata teu pai, ópera-balada".

Atualmente, além de dar prosseguimento aos trabalhos de cantora e atriz, **Assucena** é colunista da Revista Vogue Brasil e integra a bancada do programa "Precisamos Conversar", do Instituto Conhecimento Liberta – ICL.

Assucena não se destaca apenas pela técnica vocal – que por si só já impressiona –, mas pela entrega emocional em cada interpretação. Sua voz tem personalidade, carrega nuances e uma dramaticidade que envolve o público de forma única.

No palco, sua presença é magnética, marcada por elegância, força e autenticidade. Na vida, é mulher de luta, talento e coragem!

BLOCO ILÚ OBÁ DE MIN

“Aqui onde estão os homens
Dum lado, cana-de-açúcar
Do outro lado, o cafezal
Ao centro, senhores sentados
Vendo a colheita do algodão branco
Sendo colhidos por mãos negras”

Os versos da música Zumbi, de autoria de Jorge Bem Jor, ganham nova significação ante o surgimento de um grupo de mulheres negras. Das mãos negras de mulheres reunidas no Centro de Culturas Negras do Jabaquara, nos idos de 2004, não se colhem mais algodão nas lavouras de escravocratas, mas tocam tambores para o Rei Xangô.

A reunião de mulheres negras potentes, ousadas, talentosas deu na criação do **Grupo Ilú Obá de Min**, que desenvolve diversos projetos, tendo como base as culturas de matriz africana, afro-brasileira e a mulher negra.

Partem da mistura de música, resistência, tradição e identidade para abrirem, desde 2004, o carnaval de São Paulo. São mais de 400 integrantes que compõem bateria, corpo de dança e pernas de pau que se unem para formar os cortejos da **Ilú Obá de Min**, reunindo multidões e desfilando pelas ruas do centro histórico da capital paulista, inaugurando as festas carnavalescas com as representações sagradas das religiões africanas, os Orixás.

Encantamento, brilho, religiosidade, militância e festa marcam a trajetória da associação sem fins lucrativos instituída para manter e divulgar a cultura negra, fortalecer as mulheres negras, promovendo a igualdade, o respeito e a valorização da diversidade. Há, também, vivências coletivas, qual uma irmandade, em que as ancestralidades são referências e as mais velhas são protagonistas das suas ações.

Além do bloco de carnaval, a **Ilú Obá de Min** também se dedica a realização de shows, performances e cortejos que envolvem a comunidade local em experiências imersivas e educativas. Também, atuam com projetos educacionais destinados à valorização da cultura negra, defesa da igualdade de gênero e enfrentamento às discriminações. Ainda, desenvolvem ações especiais, contribuindo para a produção de trilhas sonoras de filmes e peças teatrais.

Dançam mulheres negras, tocam e cantam por uma sociedade livre do machismo, da misoginia e do racismo. A **Ilú Obá de Min** é resistência e cultura, são as mulheres negras fora dos cafezais, mas dentro da sociedade.

A **Ilú Obá de Min** é Dandara viva!

Axé, **Ilú!**

CLAUDETE PEREIRA DE SOUZA (DETE)

“Como então? Desgarrados da terra? Como assim? Levantados do chão?”

A terra deveria ser de todos, mas o homem criou a cerca. Cercando a terra, limitou-se o alimento e a água para muitos. Num país de dimensões continentais, o latifúndio é a marca da nossa história, causa da miséria e violência no campo.

A reforma agrária é direito constitucional, embora as forças das elites do atraso, instauradas nos diferentes Poderes da República, em especial no Poder Judiciário, torna este um direito impossível. Não há alternativas: para democratizar o acesso à terra, é preciso muita luta.

A história da reforma agrária no Brasil se confunde com a história da violência contra as populações oprimidas. Terra banhada do sangue de muitos trabalhadores que, no campo, lutam para fazer das suas mãos brotar o alimento de todos nós.

No último dia 17 de abril, relembramos 30 anos do Massacre de Eldorado do Carajás, com 21 trabalhadores rurais sem-terra assassinados pela Polícia Militar do Pará. Há dezenas de outros exemplos que poderíamos citar, demonstrando que sem-terra, indígenas e posseiros são os principais alvos, com a violência frequentemente envolvendo fazendeiros e grileiros.

Na linha de frente da luta pela reforma agrária, que significa luta pela democratização da terra, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra aponta o caminho da organização e da solidariedade, da agricultura familiar, da riqueza dividida, compartilhada.

Desde os anos 80, o MST tem feito das ocupações, das marchas, dos acampamentos e assentamentos, espaços de enfrentamento do latifúndio e democratização da terra. Não é tarefa fácil, mas que encontra em importantes lideranças femininas a garra para mudar a realidade do campo.

Em São Paulo, **Claudete Pereira de Souza**, nossa **Dete**, se destaca na organização de mulheres sem-terra, na defesa da agroecologia e da agricultura familiar, na coordenação de feiras de reforma agrária. Tem se dedicado com coragem e força à defesa da reforma agrária, ocupando a direção e coordenação nacional do MST.

Como toda liderança política que enfrenta o latifúndio, **Dete** também é alvo de perseguições. Mas a liderança social verdadeira entende seu papel na História e faz da sua vida ato de bravura, coragem e determinação.

No campo e nas marchas pela democratização da terra, no alimento que mata a fome de muitos, na dignidade de quem não teme a força do latifúndio, enfim, na luta pela reforma agrária, **Dete** é heroína do povo brasileiro!

SILVANA VERÍSSIMO

Durante muito tempo, mulheres negras foram empurradas para posições de invisibilidade ou subalternidade, resultado de estruturas históricas marcadas pelo racismo e pelo sexismo. Ainda assim, resistiram, construíram caminhos e se tornaram protagonistas de transformações sociais, culturais e políticas.

Hoje, afirmar o lugar da mulher negra é reconhecer sua presença em todos os campos: na política, na ciência, na educação, na arte, na liderança comunitária e onde mais ela decidir estar. É também entender que sua vivência traz perspectivas fundamentais para enfrentar desigualdades e construir uma sociedade mais justa.

Ao mesmo tempo, essa afirmação revela um desafio coletivo: garantir que esse direito de ocupar espaços seja real, com acesso, respeito e oportunidades. Não se trata de concessão, mas de justiça.

Por estas razões, para garantir direitos, bravas lutadoras se organizaram em defesa dos seus direitos por meio da Rede Nacional de Mulheres Negras no Combate à Violência.

À frente, **Silvana Veríssimo**, militante negra, técnica em Saneamento e Gestão Ambiental, com experiência na área de saúde coletiva, tem dedicado a sua vida ao emponderamento negro e combate ao racismo.

Silvana mobiliza outras tantas mulheres. Juntas, movem lutas em um país tão pouco acostumado a reconhecer a importância de mulheres e dos povos negros. Ouso dizer que têm conseguido mudar a História.

Mulheres negras no poder!

BLOCO 3

CASA MARGARIDA BARRETO

A violência de gênero é marca da história da cidadania no Brasil. Deita raízes nas estruturas do machismo e da misoginia, elementos cravados nas hastes estruturais sociais e políticas da formação da sociedade brasileira. Sua expressão é sempre um ato de violência contra as mulheres, contra todas as mulheres, incluindo mulheres travestis e transexuais.

A violência de gênero é uma das formas mais persistentes e silenciosas de violação de direitos humanos. Ela se manifesta de diferentes maneiras – física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – e tem como base a desigualdade histórica entre homens e mulheres. Não se trata apenas de agressões visíveis, mas também de controle, humilhação, ameaças e exclusões que afetam profundamente a liberdade e a dignidade das mulheres.

Sustentada por uma tradição de machismo e misoginia, a violência de gênero é, também, institucional e encontra força na omissão deliberada de governos que não possuem nenhum compromisso com a defesa das mulheres, como é o caso do Governo Tarcísio de Freitas, cuja proposital inércia e absoluto descompromisso com a formulação de políticas pública para a superação da cultura de ódio e intolerância contra todas as mulheres são marcas de sua gestão. Orçamento irrisório ante o aumento de casos de violência e feminicídio, Delegacias de Defesa das Mulheres com horário de funcionamento reduzido, injustificados vetos a projetos de leis que buscam proteção para as mulheres em situação de vulnerabilidade são alguns dos péssimos legados deste governador para as mulheres paulistas.

É pelas mãos da sociedade civil que surgem iniciativas que buscam proteger e valorizar as vidas de mulheres em situação de vulnerabilidade, assédio e violência de gênero. Assim, dos esforços Sindicato dos Químicos, Plásticos e

Farmacêuticos de São Paulo e Região, fruto da união e organização dos trabalhadores e trabalhadoras, nasceu um espaço de acolhimento, proteção e suporte para mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ vulnerabilizadas pela força do machismo e da misoginia.

A **Casa Margarida Barreto** é um espaço de coragem, acolhimento e recomeço. Dedicada a amparar mulheres vítimas de violência de gênero, ela representa muito mais do que abrigo: é um lugar onde vidas são reconstruídas com dignidade, respeito e cuidado.

A partir da inspiração da Dra. Margarida Barreto, que foi uma médica e pesquisadora pioneira no estudo do assédio moral e sexual no ambiente de trabalho, dentro de suas paredes, cada história encontra escuta, proteção e a chance de um novo começo. A Casa não apenas acolhe, mas fortalece, oferecendo suporte para que mulheres possam retomar sua autonomia, sua segurança e sua confiança.

Homenagear a **Casa Margarida Barreto** é reconhecer a importância de quem se coloca na linha de frente contra a violência, promovendo transformação real na vida de tantas mulheres. É valorizar um espaço que, todos os dias, enfrenta dores profundas com empatia, responsabilidade e compromisso.

DÉBORA MARTINS DA SIVA

A culinária vai muito além de preparar alimentos. Ela é uma expressão viva de cultura, identidade e conexão humana. Por meio dos pratos, conhecemos a história de um povo, seus costumes, ingredientes típicos e até mesmo suas celebrações. Cada receita carrega tradições que atravessam gerações, mantendo viva a memória coletiva de famílias e comunidades.

A culinária é, antes de tudo, uma arte. Transformar ingredientes simples em verdadeiras obras de afeto, adoçando não apenas paladares, mas também momentos especiais na vida de tantas pessoas, é ato grandioso, que desperta admiração em uma comunidade.

No interior do Estado de São Paulo, há mais de 20 anos a culinária abriu caminhos para que uma empresa seja reconhecida por sua tradição e, mais que isso, pela excelência dos seus serviços (e disto eu posso atestar!). Dos bolos feitos em casa para venda na vizinhança, mecanismo de sustento com dignidade dos seus filhos, à empresa que se dedica à panificação, confeitaria e cafetaria, a Débora Bolos é parte inseparável da história de Catanduva.

Com mãos talentosas e um coração generoso, **Débora Martins da Silva** construiu seu caminho com esforço e determinação. Cada bolo, cada detalhe, carrega um pouco da sua essência: cuidado, capricho e excelência.

A história desta empresária inspira não só quem prova suas criações, mas todos que têm o privilégio de conhecê-la. **Débora** representa a força de quem acredita nos próprios sonhos e a beleza de quem compartilha esse sonho com a comunidade ao seu redor, adocicando a vida dos catanduvenses.

LUNA ZARATTINI

Duas frases marcam a trajetória de todo jovem que se aventura na política: “é preciso renovar a política” e “jovem é o futuro da política”. São dois enunciados que se opõem: é preciso renovar a política, mas deixa isso para o futuro. E o futuro segue sendo espaços de manutenção das mesmas estruturas partidárias, daqueles que já estão adiando o futuro há muito tempo.

Definitivamente, essas frases não parecem fazer sentido para **Luna Zarattini**, uma jovem política da cidade de São Paulo. Ainda bem!

Nascida em uma família uma história se mistura com a história das lutas contra a ditadura militar. Seu avô, Ricardo Zarattini, foi um aguerrido combatente contra o regime de exceção, tendo sido torturado e exilado. No período da redemocratização, foi peça fundamental na construção do Partido Democrático Brasileiro e, posteriormente, do Partido dos Trabalhadores.

Inspirada pelo melhores referências, **Luna Zarattini** dedicou-se à militância política desde muito cedo, tendo participado ativamente do movimento estudantil secundarista e universitário, tendo sido sendo coordenadora de grêmio estudantil, do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Livre da USP “Alexandre Vannucchi Leme” e da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Em 2020, disputou sua primeira eleição para a Câmara de Vereadores de São Paulo, tendo ficado na suplência. Ainda assim, em março de 2023 foi empossada Vereadora, tornando-se a mais jovem e a única mulher da bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara paulistana nesta legislatura. Em 2024, foi reeleita com 100.921 votos, tornando-se a mulher mais votada da história do PT nas eleições para o legislativo municipal.

Luna se destaca por uma postura que une escuta e ação. Sua presença nos espaços institucionais e de poder não se limita ao discurso: ela se traduz em coragem para o enfrentamento em defesa das mulheres e juventude, em defesa

de direitos humanos de pessoas em situação de vulnerabilidade e na busca constante por uma cidade mais justa, inclusiva e humana.

Luna é uma jovem mulher na política, despontando para assumir novos desafios, qual responsabilidade histórica de quem assume lutas edificantes e históricas, como fez seu avô, o “velho Zara”.

Há, em sua caminhada, uma coerência que inspira confiança e respeito, que impulsiona muitos jovens a acreditarem na política e transformarem o mundo.

SHEILA DE CARVALHO

Nascida na periferia de São Paulo, entendeu sobre a necessidade de promover direitos ouvindo Racionais MC's. Ao som de "Diário de um Detento", música que remonta ao Massacre do Carandiru, a jovem **Sheila** entendeu seu lugar na sociedade: lutar por direitos humanos!

Por meio de políticas de inclusão social, no caso o PROUNI, **Sheila de Carvalho** se graduou em Direito. Durante os estudos, passou a atuar junto com a UNEAFRO Brasil, organização que propõe o emponderamento de jovens negros.

Além da luta travada junto aos movimentos sociais, **Sheila** estabeleceu pontes com o mundo empresarial, proporcionando diálogos por meio do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, ao desenvolver o projeto Coalizão Empresarial pela Equidade Racial e de Gênero.

Advogada, **Sheila** se transformou em referência na advocacia dos direitos humanos, focando sua atuação na defesa da igualdade racial e igualdade de gênero. Sua destacada atuação rendeu-lhe reconhecimentos por meio de prêmios. Durante a 75ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, realizada em setembro de 2020, recebeu o prêmio MIPAD (Most Influential People of African Descent) de reconhecimento às pessoas negras mais influentes do mundo concedido pela ONU.

Com a vitória do Presidente Lula, a jovem advogada, nascida no Campo Limpo, passou a integrar a equipe do Ministério da Justiça, ocupando inicialmente a função de Presidente do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE). Atualmente, é a Secretária Nacional de Acesso à Justiça, prestando relevante contribuição à luta pela promoção da Justiça e defesa dos direitos humanos em nosso país!